



RÜDIGER, F. **Notas sobre o Pós-Humanismo**. In: Flagelos e Horizontes do Mundo em Rede - política, estética e pensamento à sombra do pós-humano. Org. Eugenio Trivinho, 2009.

REFLETINDO SOBRE “NOTAS SOBRE O PÓS-HUMANISMO” DE FRANCISCO RÜDIGER

Geovânia Nunes Carvalho*

Henrique Nou Schneider**

RESUMO

No presente texto faz-se uma análise acerca do conceito de pós-humanismo apresentado por Francisco Rüdiger, à luz de outros filósofos como Heidegger e Nietzsche. Para Rüdiger e outros pensadores contemporâneos, esse outro homem nascido na tecnocultura, se assemelha a uma entidade cibernética, concebido e compreendido numa estrutura de código genético e recursos artificiais. As consequências imediatas desse modelo de humano forjado pelo fenômeno da tecnocultura, nos encaminham à constatação da redução do conceito filosófico de humanidade para o conceito de homem espécie, totalmente desprovido de análise metafísica. Embora a morte do homem não seja um dado, cabe ressaltar sua morte conceitual fundada em bases metafísicas, protagonizada pela comunidade científica especializada. Esta, além de sua habilidade técnica para manipular e desnaturalizar o homem, porque é seu objeto de experiência e meio para qualquer fim possível, se nutre de ingenuidade filosófica e desconhecimento da História. Responder “o que o homem é” traz a exigência de retomar a questão “o que é o homem?” considerando o desdobramento de respostas desde os antigos gregos e suas reverberações no presente. É um

* Pedagoga e Filósofa. Mestra em Filosofia. Chefe da Divisão de Acompanhamento Pedagógico da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação (GEPIED/UFS/CNPq). Cidade Universitária Prof. Aloísio de Campos. São Cristóvão-SE. (55)79-21056502. geoterra46@hotmail.com.

** Engenheiro Civil. Mestre em Ciência da Computação. Doutor em Engenharia da Produção. Professor no Departamento de Computação e nos Programas de Pós-Graduação em Computação e Educação da Universidade Federal de Sergipe. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação (GEPIED/UFS/CNPq). Cidade Universitária Prof. Aloísio de Campos. São Cristóvão-SE. (55)79-21056678. hns@terra.com.br

exercício do pensamento exclusivo da Filosofia, cujo sentimento diante da resposta para tal pergunta, é de indignação. Pois, a grandeza da questão é equivalente ao absurdo da tentativa de resposta.

Palavras-Chave: Filosofia. Pós-Humanismo. Ser Humano. Sociedade.

RESENHA

Iniciamos esta análise a partir da questão filosófica sobre a definição de Conceito, explicitando a perspectiva de Rüdiger acerca da possível definição do Pós-humano. Segundo o autor, a definição do pós-humano requer, primeiramente, que nos ocupemos da revisão do conceito de humano e como este termo se apresenta desde a sua primeira definição até a atualidade, observando o conjunto de elementos filosóficos, históricos, morais e científicos de cada época e sua reverberação de referência teórica para a posteridade. Trata-se de um movimento disruptivo, porém, conserva um dado de sua condição essencial. Podemos pensar, aqui, a racionalidade humana em Aristóteles, o *cogito* em Descartes, o inconsciente para Freud em contraposição ao elemento racional. Ainda que rompendo, o termo homem e sua humanidade se reservam de um algo comum presente nos conceitos que resiste ao tempo e a si mesmo. É esse algo, esse ocultamento do *ser* humano de que nos fala Heidegger, o que é conservado, é o ocultado sempre aberto ao desvelamento para uma outra conceituação sempre inacabada, revisitada e permanente. Por isso, a questão sobre o humano e a possibilidade de conceituá-lo, é exclusiva e reconhecidamente tarefa da Filosofia. Retomar a questão sobre o humano exige esforço filosófico, radicalidade para se debruçar sobre a mesma questão de modo a pensá-la a partir das condições reais de mundo e sua atualidade, enquanto para outras ciências, esta questão é compreendida como acabada. Neste ponto, reside o flagrante da ingenuidade filosófica e a desconsideração da História para os cientistas especializados que executam a tecnologia. Em oposição, está a autenticidade da atitude filosófica em retomar e permanecer sobre a questão “o que é o homem?” com o mesmo espanto e vigor dos que a elaboraram primeiramente.

Em seguida, pensar nas causas que levaram a passagem de um momento histórico-filosófico para outro, buscando compreender os elementos constitutivos que engendraram o rompimento prático e conceitual da sociedade à época. Ou seja, para Rüdiger, é condição imprescindível entender as tensões internas da sociedade. É preciso romper com a atitude ingênua sobre um conceito, em especial o de *ser* humano, decretando sua conclusão. Na verdade, é sobre ele a que se dirige todo o esforço radical da filosofia. Entender as ordens das razões que o fundamentam em conexão com a cadeia argumentativa desde a sua primeira elaboração, para, num movimento de conservação e rompimento, esboçar as primeiras revisões que possam sustentar uma nova elaboração.

A Filosofia é a ciência da reflexão sobre o verbo *Ser* e este é sempre dado no gerúndio. Rüdiger analisa essa questão fundamentada no pensamento heideggeriano. O Homem *É*, sendo. Dito isto, como responder sobre o *ser* que se move com criatividade, se superando e se renovando; conservando e rompendo; retomando e avançando? Somente a atitude radical filosófica possui as credencias para pensá-lo, descer até suas raízes, sofrer a frustração de se recriar na dor ou intensamente viver sua alegria.

O homem é um projeto de si, inacabado, interrompido a qualquer instante, aberto para recomeçar e fechar um ciclo, ainda que não concluído. É o *ser* para a morte que se ocupa com a vida. Sobre o *ser* homem, temos a certeza da probabilidade e nada mais. É preciso a atitude filosófica diante da construção histórica para retomar a questão “o que é o homem?”, ainda que se saiba de sua improvável resposta. Não importa respondê-la, porque a Filosofia é a ciência das questões. Das respostas se ocupam os cientistas de toda a árvore do conhecimento especializado.

Para elaborar uma possível definição de humano no cenário atual, onde a tecnocultura é o paradigma científico e moral planetário, Rüdiger faz um percurso nos pensamentos de Nietzsche, Foucault e Heidegger, revendo os elementos filosóficos e históricos que sustentam o escopo conceitual de cada pensador. Mas, é com Nietzsche que Rüdiger alça seu voo filosófico e alimenta suas ideias sobre o pós-humano. Para ele, a tecnocultura possibilita o nascimento do super-homem anunciado por Zaratustra. Não se trata aqui de estabelecer um juízo de valor sobre o super-homem, o da tecnocultura, antes, de desenvolver uma tese sobre a passagem da condição de humano para a pós-humano, a partir do discurso visionário de Zaratustra, reservadas as diferenças entre as duas condições de *ser* humano. Também não se trata de confirmar que esse novo humano, o da tecnocultura, atenda ao perfil de super-homem do pensador. O interesse é anunciar que o mundo contemporâneo, regido pela utopia maquinística, forja um novo comportamento de *ser* humano, assim como pensou Zaratustra que, ao convocar a humanidade para a autodestruição diante da ruína de seu modelo de ciência e de moral, o mundo, livre dessas mazelas, seria berço de uma humanidade melhor. Aquele onde o super-homem viria proclamar sua autêntica humanidade. Todavia, o mundo contemporâneo experimenta essa autodestruição via uma episteme que elege o homem como objeto de especulação, um código a ser decifrado pelas lentes da engenharia genética apoiada pelas tecnologias.

Rüdiger nos dirige para a constatação do nascimento de um novo homem. Todavia, compreendo que este novo homem não se trata daquele anunciado por Zaratustra. Pois este outro

homem se apresenta na condição de produto técnico, uma vez que sua criação reflete a conformidade com a epistemologia tecnomaquinística. E, como produto, o super-homem filho da tecnocultura, nasce destituído de autenticidade, pois é um produto em série. É justamente esta, a crítica nietzschiana acerca da “moral de rebanho”. Aquela onde a unanimidade vigora, revelando a penúria do pensamento autêntico.

Na tecnocultura, esse novo homem é levado a se movimentar segundo a moral do comportamento padrão e a ser servo da ciência produtora de mecanismos para administrar o homem como se fossem coisas. É fato a constatação da gestação de um novo homem, o pós-humano ou de um super-homem, se, se quer assim chamá-lo, pois ele é um outro do humano do que fôra até o século XX.

A análise filosófica presente, é retomar a formulação da questão sobre o que é *ser* humano no cerne da tecnocultura; identificar os movimentos de rompimento e conservação que nos dirige à formulação da questão. Se para Nietzsche o super-homem é o ser da autenticidade, **humano, demasiadamente humano**, para a tecnocultura, o homem é um código de informação universal a ser decifrado pelos recursos da engenharia genética. Este é o ponto de partida de onde a análise filosófica se inicia e, conforme afirmamos, não se chega a uma conclusão.

Para Rüdiger e outros pensadores contemporâneos, esse outro homem nascido na tecnocultura, se assemelha a uma entidade cibernética, concebido e compreendido numa estrutura de código genético e recursos artificiais. Essa concepção de novo homem ou pós- humano, se apresenta para o autor como “um sinal histórico de uma época e como senha de um problema da espécie, a nossa, na era da técnica maquinística” (pag. 83). Mais adiante: “Signo mais aparente de nossa relação com o mundo e a força a partir da qual procura se articular a sociedade contemporânea” (pag.89). As consequências imediatas desse modelo de humano forjado pelo fenômeno da tecnocultura, nos encaminham à constatação da redução do conceito filosófico de humanidade para o conceito de homem espécie, totalmente desprovido de análise metafísica. Embora a morte do homem não seja um dado, cabe ressaltar sua morte conceitual fundada em bases metafísicas, protagonizada pela comunidade científica especializada. Esta, além de sua habilidade técnica para manipular e desnaturalizar o homem, porque é seu objeto de experiência e meio para qualquer fim possível, se nutre de ingenuidade filosófica e desconhecimento da História. Este empobrecimento reflexivo das ciências especializadas ofusca a compreensão de que o *ser* do homem vai além do *ser* mecânico, uma unidade de informação genética, suscetível a

procedimentos artificializantes. A análise filosófica se opõe a esta concepção dada como um fato conclusivo, apresentando a noção de humano enquanto *ser* em construção, *ser* sendo criativo, histórico, estético, cultural; do pensamento e da autorreflexão; da crítica e da suspensão de valores; da emoção, da atitude de conhecimento e do niilismo. Portanto, humano é um complexo que se faz e se renova ininterruptamente a cada movimento histórico, inaugurando comportamentos de toda ordem. Responder “o que o homem é” traz a exigência de retomar a questão “o que é o homem?” considerando o desdobramento de respostas desde os antigos gregos e suas reverberações no presente. É um exercício do pensamento exclusivo da Filosofia, cujo sentimento diante da resposta para tal pergunta, é de indignação. Pois, a grandeza da questão é equivalente ao absurdo da tentativa de resposta.

A análise de Rüdiger é filosófica. É um convite à inquietação e à excitação, porque a verdadeira filosofia possui a capacidade de tocar o homem. É impossível não se afetar por Ela, não se incomodar por seu discurso ou seu silêncio. Silêncio diante a grandeza e o absurdo de sentir o que somos sem saber o que somos! Discurso provocativo e inquietante, fala que desestabiliza, dizer que atravessa o tempo e se faz no tempo sem envelhecer. Na filosofia o discurso não conhece anacronismo, antes, a permanência do mesmo.

A Filosofia é humana. É tudo o que comporta sentimento de indignação e espanto. É olhar para dentro de si e reconhecer o escândalo de *ser* homem e toda a sua humanidade indecifrável.

Resenha recebida em 07/03/2015 e aceito para publicação em 06/06/2015.

***REFLECTING ON THE "NOTES ABOUT POST-HUMANISM" BY FRANCISCO
RÜDIGER***

ABSTRACT

This study makes an analysis of the post-humanism concept presented by Francisco Rüdiger in light of other philosophers such as Heidegger and Nietzsche. For Rüdiger and other contemporary thinkers, this other man born in technoculture resembles a cybernetic entity, conceived and comprised on a genetic code structure and artificial resources. The immediate consequences of this human model forged by the technoculture phenomenon guide us to the realization of the reduction of the philosophical concept of humanity to the concept of man-

species, completely unprovided of metaphysical analysis. Although man's death is not an evidence, it is worth noting its conceptual death founded in metaphysical basis, led by the specialized scientific community. This, besides its technical ability to manipulate and denaturalize man due to being its object of experience and means for any possible purpose, feeds on philosophical naivety and ignorance of History. Answering "what the man is" brings the requirement to return to the question "what is the man?" considering the unfolding of answers since the ancient Greeks and their reverberations in the present. It is an exercise of the unique thought of Philosophy, whose feeling towards the answer to that question is indignation. The greatness of the matter is equivalent to the absurdity of trying to obtain an answer.

Keywords: *Philosophy. Post-Humanism. Human Being. Society.*

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. A. **Questão da técnica.** *Cadernos de Tradução*, n. 2, p. 40-93, 1997.

HEIDEGGER, M. A. **Ser e tempo. Parte I. Introdução.** Editora Vozes. 2005.

HOMERO. **Odisseia.** Companhia das Letras. 2011.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral.** Companhia das Letras. 2009.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra.** Companhia das Letras. 2011.

RÜDIGER, F. **Notas sobre o Pós-Humanismo.** In: *Flagelos e Horizontes do Mundo em Rede - política, estética e pensamento à sombra do pós-humano.* Org. Eugenio Trivinho, 2009.